

LIEV TOLSTÓI

De quanta
terra precisa
um homem?

e outras histórias

LIEV TOLSTÓI

De quanta
terra precisa
um homem?

e outras histórias

Tradução
Patricia N. Rasmussen



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do inglês
What men live by and other tales

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Liev Tolstói

Diagramação
Fernando Laino Editora

Tradução
Patrícia N. Rasmussen

Imagens
Majivecka/shutterstock.com;
Everett Collection/shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Ilustrações do miolo
Vicente Mendonça

Traduzido a partir da versão em inglês de
Louise e Aylmer Maude

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T654d Tolstói, Liev, 1828-1910

De quanta terra precisa um homem? e outras histórias / Liev Tolstói ;
traduzido por Patrícia N. Rasmussen. - Jandira, SP : Principis, 2021.
96 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: What Men Live By and Other Tales
ISBN: 978-65-5552-237-2

1. Literatura russa. I. Rasmussen, Patrícia N. II. Título. III. Série.

2020-2969

CDD 891.7
CDU 821.161.1

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura russa 891.7
2. Literatura russa 821.161.1

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Do que vivem os homens	9
Três perguntas.....	47
A cafeteria de Surat (segundo Bernardin de Saint-Pierre).....	55
De quanta terra precisa um homem?.....	67

Sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos; quem não ama permanece na morte. “Epístola de São João”, III. 14.

Quem possuir bens deste mundo e vir seu irmão em necessidade, e fechar o coração para ele, como pode estar nele o amor de Deus? Meus pequenos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com atos e verdade. — III. 17-18.

O amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece Deus; aquele que não ama não conhece Deus, pois Deus é amor. — IV. 7-8.

Ninguém jamais viu Deus, em momento algum; se amarmos uns aos outros, Deus permanecerá em nós. — IV. 12.

Deus é amor; e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele. — IV. 16.

Se um homem disser, eu amo a Deus, mas odeia seu irmão, ele é um mentiroso; pois aquele que não ama seu irmão, que ele vê, como pode amar a Deus, a quem nunca viu? — IV. 20.



DO QUE VIVEM OS HOMENS



Um sapateiro chamado Simon, que não tinha casa nem terra própria, vivia com a mulher e os filhos em uma choupana de camponês e ganhava a vida com seu trabalho. O trabalho era barato, mas o pão era caro, e o que ganhava ele gastava com comida. O homem e sua esposa tinham apenas um casaco de lã de ovelha para usar no inverno, e mesmo assim estava rasgado em farrapos. Era o segundo ano que ele queria comprar lã de ovelha para fazer um casaco novo. Antes do inverno, Simon economizou um pouco de dinheiro: uma nota de três rublos¹ estava guardada na caixinha de sua esposa, e ele ainda tinha a receber cinco rublos e vinte copeques, que os clientes da aldeia lhe deviam.

Então, certa manhã, ele se preparou para ir ao centro da aldeia para comprar lã de ovelha. Vestiu por cima da camisa a jaqueta acolchoada de sua esposa e por cima desta vestiu o casaco. Colocou a nota de três rublos no bolso, cortou um graveto comprido para usar como cajado e saiu depois de tomar o café da manhã.

“Vou cobrar os cinco rublos que me devem”, pensou ele, “juntar com os três que já tenho, e isso será suficiente para comprar lã para o casaco de inverno.”

Ele foi até o centro da aldeia e bateu na porta da cabana de um camponês, mas o homem não estava em casa. A mulher do camponês prometeu que a dívida seria paga na semana seguinte, porque ela não tinha o dinheiro para pagar naquele dia. Então

¹ Rublo: moeda russa. O centavo do rublo se chama “copeque”. (N.T.)

Simon foi à casa de outro camponês, que jurou que não tinha dinheiro e que pagaria somente vinte copeques que devia por um par de botas que Simon havia consertado. Simon então tentou comprar a lã a crédito, mas o vendedor não confiou nele.

– Traga seu dinheiro – disse o homem –, e então poderá levar a lã. Sabemos bem como é ter de cobrar dívidas.

Assim, tudo o que o sapateiro conseguiu foram os vinte copeques pelas botas que havia consertado e um par de botas de feltro que um camponês lhe deu para colocar solas de couro.

Simon ficou desanimado. Gastou os vinte copeques em vodca e voltou para casa sem ter comprado a lã. De manhã cedo, ele tinha sentido frio, mas agora, depois de beber a vodca, sentia-se aquecido, mesmo sem um casaco de lã. Ele foi caminhando, batendo com o cajado na terra congelada com uma das mãos e com a outra balançando o par de botas, falando sozinho.

1

– Estou bem aquecido – falou ele –, apesar de não ter um casaco de lã. Tomei uns bons goles, e o álcool está correndo em minhas veias. Não preciso de lã de ovelha. Vou em frente e não me preocupo com nada. É esse tipo de homem que eu sou! Que me importa? Posso viver sem lã de ovelha. Não preciso disso. Minha mulher ficará preocupada, tenho certeza. E, na verdade, é uma lástima... A pessoa trabalha o dia todo e não recebe o pagamento. Espere um pouco! Se ele não me der o dinheiro, vou arrancar a pele dele, ah, se vou... Que história é essa...? Ele me paga vinte copeques por vez?! O que faço com vinte copeques? Bebo, ora... É apenas o que dá para fazer! “Estou sem dinheiro”, ele diz! Pode ser, mas e eu? Ele tem casa, tem gado, tudo. Eu não tenho nada! Ele tem plantação de milho, eu preciso comprar cada grão. Aconteça o que acontecer, tenho que gastar três rublos por semana só com pão. Chego em casa, o pão acabou e tenho que arrumar mais um rublo e meio. Então, ele que me pague o que deve, é o mínimo!

A esta altura, o sapateiro estava quase chegando ao santuário na curva da estrada. Olhando para cima, ele viu alguma coisa esbranquiçada atrás do santuário. A luz do dia estava esmaecendo, e o sapateiro espiou, sem conseguir distinguir o que era.

– Não havia uma pedra branca aqui antes. Será um boi? Não parece um boi. Tem cabeça de homem, mas é muito branco... e o que um homem estaria fazendo ali?

Ele chegou mais perto, para poder ver melhor. Para sua surpresa, era mesmo um homem, vivo ou morto, sentado nu, imóvel, encostado no santuário. O terror tomou conta do sapateiro, e ele pensou: “Alguém o matou, tirou suas roupas e o deixou ali. Se eu mexer nele, com certeza estarei encrencado”.

Então o sapateiro continuou andando. Foi pela frente do santuário de modo a não passar perto do homem. Depois que tinha caminhado certa distância, ele olhou para trás e viu que o homem já não estava encostado no santuário; estava se movendo e parecia que olhava para ele! O sapateiro ficou ainda mais apavorado que antes e pensou: “Será que devo voltar, ou devo seguir em frente? Se eu me aproximar dele, algo terrível pode acontecer. Como saber quem é esse sujeito? Não deve ter vindo aqui por um bom motivo. Se eu chegar perto dele, ele pode pular em cima de mim e me estrangular, e aí não terei como escapar. Ou senão, ele no mínimo me causaria um transtorno. Está nu, e eu não poderia dar a ele a única roupa que tenho. Que Deus me ajude a escapar!”

Então o sapateiro se apressou e se afastou do santuário, quando de repente sua consciência o atingiu e ele parou no meio do caminho.

– O que está fazendo, Simon? – perguntou para si mesmo.
– O homem pode estar passando muita necessidade, e você finge que não vê e vai embora. Por acaso é tão rico que tenha medo de ladrões? Ah, Simon, que vergonha!

Então ele deu meia-volta e foi até o homem.

2

Simon aproximou-se do desconhecido, olhou para ele e viu que era um rapaz jovem, parecia estar em boa forma, não tinha nenhum ferimento, estava apenas congelando e assustado, sentado ali, reclinado, sem olhar para Simon, como se estivesse fraco demais. Simon chegou mais perto, e o homem pareceu acordar. Virou a cabeça, abriu os olhos e olhou para o rosto de Simon. Esse único olhar foi suficiente para Simon gostar do rapaz. Ele deixou as botas de feltro cair no chão, desamarrou a faixa, colocou-a sobre as botas e tirou o casaco.

– Não é hora de conversar – disse. – Vamos, vista este casaco já!

Simon segurou o homem pelos cotovelos e ajudou-o a levantar-se. Olhando para ele ali em pé, Simon viu que ele estava limpo e em boa condição física, as mãos e os pés eram bem-tor-neados e sua fisionomia era boa e gentil. Simon colocou o casaco sobre os ombros do homem, mas este não conseguia encontrar as mangas. Simon guiou os braços dele e, depois de vestir o casaco, fechou-o e amarrou a faixa em volta da cintura do homem.

Simon até tirou seu gorro rasgado e o colocou na cabeça do homem, mas sentiu frio na cabeça e pensou: “Eu sou careca, e ele tem o cabelo comprido e ondulado”. Então colocou o gorro de volta em sua cabeça. “Seria bom ele usar alguma coisa nos pés”, pensou. Então fez o homem se sentar e ajudou-o a calçar as botas de feltro, dizendo:

– Pronto, amigo, agora mexa-se para se aquecer. Outras questões podem ser resolvidas depois. Consegue andar?

O homem se levantou e olhou gentilmente para Simon, mas não disse uma palavra.

– Por que não fala? – perguntou Simon. – Está muito frio para ficar aqui, precisamos ir para casa. Pronto, segure o meu cajado, se estiver se sentindo fraco, apoie-se nele. Agora vamos!

O homem começou a andar e movia-se com facilidade, não ficava para trás.

Conforme caminhavam, Simon perguntou:

– De onde você é?

– Não sou destes lados.

– Foi o que pensei. Conheço as pessoas das redondezas. Mas como veio parar aqui, no santuário?

– Não posso dizer.

– Alguém maltratou você?

– Ninguém me maltratou. Deus me castigou.

– Claro que Deus rege tudo. Mas, mesmo assim, você precisa de comida e de abrigo. Aonde quer ir?

– Não faz diferença para mim.

Simon estava atônito. O homem não parecia um bandido, falava com gentileza, mas não dizia nada sobre si mesmo. Simon pensou: “Quem sabe o que pode ter acontecido?” E disse para o estranho:

– Bem, então, venha comigo para a minha casa e pelo menos se aqueça um pouco.